

Setor automobilístico, irritado com o CIP.

O fato de o CIP (Conselho Interministerial de Preços) ter adiado para terça-feira a decisão sobre o próximo aumento dos automóveis deixou os empresários do setor muito irritados. Para o presidente da Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores), Jacy Mendonça, "não têm fundamento" os argumentos apresentados pelo secretário do CIP, Luís Roberto Azevedo Cunha, para adiar os aumentos.

Segundo Azevedo Cunha, a indústria tem condições de suportar mais algum tempo sem reajustes, já que vinha trabalhando com expectativa de inflação futura e ainda utilizava os reajustes concedidos pelo governo como "estratégia de vendas". Segundo Jacy Mendonça, estas afirmações são infundadas, seja no que se refere à política de comercialização ou quanto às planilhas de custos enviadas ao governo.

Jacy Mendonça, que ocupa temporariamente o lugar de André Beer, presidente da Anfavea, disse ainda que a defasagem de custos da indústria automobilística em relação aos preços atuais

congelados, desde o dia 4 de março, já superou os 30% demonstrados nas planilhas enviadas ao governo no início de abril. "Com o pleito de reajuste dos nossos fornecedores de auto-peças, que estamos temporariamente impossibilitados de atender, e ainda com os aumentos de insumos no mês de maio, esta defasagem já sobe para 45%", disse ele.

A absorção de defasagem elevada por tempo prolongado, acrescentou o empresário, "pode levar as empresas privadas a uma situação econômica e financeira insustentável".

Em Belo Horizonte, fontes da Fiat também reclamaram muito do adiamento, até mesmo alegando que a empresa ainda não amortizou os investimentos de US\$ 1,5 bilhão realizados desde a sua instalação em Betim, em 1976.

Segundo o porta-voz da empresa, Lindolfo Paoliello, a medida do Conselho Interministerial de Preços "é punitiva e incompatível com um dos princípios básicos da Democracia, que é a concorrência livre regida pelas leis do mercado".

Produção

A indústria automobilística deverá recuperar suas exportações, prejudicadas pela greve dos metalúrgicos. A Volkswagen, por exemplo, estuda formas de compensar os atrasos de embarques de aproximadamente 5.000 Passat para o Iraque (deve exportar 50 mil unidades durante 85), e pode vir a colocar em funcionamento um terceiro turno de funcionários.

"Não deixaremos o mercado interno sem Passat", garantiram ontem fontes da Volkswagen, admitindo um grande atraso nas exportações do veículo para o Iraque.

Até agora, a empresa realizou dois embarques, somando 4.600 unidades. Deve, portanto, enviar exatamente mais 44.600 carros até dezembro, uma média de quase oito mil unidades por mês. O Passat ficou fora do mercado de novembro a fevereiro, quando a linha 85 foi lançada; em fevereiro e março, apenas 659 unidades do modelo foram vendidas no mercado interno. O restante produzido destina-se à exportação.